



Cátedra de Teologia Feminista na EST: pelos meus olhos

Feminist Theology Chair at EST: through my eyes

Márcia Leindecker da Paixão¹

Resumo: A partir de minha experiência, destaco importantes pontos da caminhada de 25 anos da Teologia Feminista na Faculdades EST. Sob um olhar histórico, chamo a atenção para as interrelações entre a conquista de espaço de outras ênfases ministeriais (catequético e diaconal) e das mulheres dentro do estudo acadêmico da teologia. Como diácona da IECLB e educadora, falo dessa experiência no trabalho social com mulheres e da fomentação da Cátedra de Teologia Feminista às inserções sociais em São Leopoldo.

Palavras-chave: Teologia Feminista. Diaconia. Educação Popular.

Abstract: From my experience, I highlight important points along the 25 years of feminist theology at Faculdades EST. From a historical look, I draw attention to the interrelationships between the struggle for space of other ministerial emphases (catechetical and diaconal) and women within the academic study of theology. As a deacon of IECLB and educator, I speak about this experience in social work with women and the fostering of the Feminist Theology chair, as well as the social insertions in São Leopoldo.

Keywords: Feminist Theology. Diakonia. Popular Education.

Pensar a partir de minha experiência

Recebi o convite para escrever na Revista Coisas do Gênero e senti uma enorme alegria. De imediato, vieram-me lembranças de bons tempos, de parcerias bacanas, de gente amiga, de resistências, de retrocessos, de conquistas... A caminhada de 25 anos da Teologia Feminista na EST foi feita por muitas pessoas. Houve muitos braços feministas que se movimentaram de diferentes lugares e modos nessa caminhada de lutas para buscar lugar teológico e institucional na EST e na IECLB para a Teologia Feminista. Escolhi, como fio condutor de minha escrita, a proposta metodológica da Teologia Feminista que é partir da experiência. A partir de meu lugar,

¹ Márcia Paixão. Diácona e Pedagoga. Professora na Universidade Federal de Santa Maria –UFSM – Departamento de Fundamentos da Educação – Centro de Educação. Email: marciapaixao12@gmail.com

de minha experiência como professora de Teologia Feminista, das vivências no campus da EST, dos meus olhos e olhares dentro e fora da EST, das memórias e imaginários me permitem narrar, contar o passado vivenciado e contribuir com o futuro. Eu conto a minha experiência no amplo cenário de experiências da Teologia Feminista.

A palavra de Ivone Gebara, em seu livro *As águas do meu poço*, me inspira para narrar esta parte da história da Teologia Feminista a partir de meus olhos e olhares:

Minha experiência neste momento preciso é, todavia, a de escrever e, ao mesmo tempo, pensar em meu relato, escolher as palavras, construir frases que relatem o mais exatamente possível as lembranças que desejo contar. Mas, no momento em que escrevo, existem outras experiências à minha volta que estão sendo vividas e que, talvez, eu viva de maneira secundária.²

“Pensar a partir da experiência”- frase clássica do feminismo dita e repetida muitas vezes por nós (por mim) - é o caminho que escolhi para relatar minhas memórias. Para ajudar nessas memórias e na escrita, apoio-me em algumas frases do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa.

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data

Volto um pouco o tempo histórico, pois ele é meu aliado das memórias e de minhas reflexões. Volto na memória e paro nas décadas de 80 e de 90 e lembro-me de que foram ricas, inovadoras, subversivas, resistentes e fragmentadas para a formação teológica. Inicialmente, a formação teológica na IECLB era apenas para homens e para pastores. Depois a formação teológica abriu para pastoras. A ordenação de mulheres pastoras é prática desde os anos 80. Para os ministérios diaconal e catequético foi a partir de meados dos anos 90. Essa fragmentação causou um descompasso que repercutiu em todos os Ministérios da IECLB. A falta de integração das mulheres dos diferentes ministérios tem raízes diversas. Caminhou-se paralelamente durante muitos anos e isso dificultou nosso empoderamento coletivo enquanto mulheres e enquanto ministérios. Infelizmente, muitas exclusões aconteceram na história da IECLB. Sobre a formação teológica, vale lembrar que a formação diaconal aconteceu pelo Seminário Bíblico-Diaconal, ofertado e coordenado pela Casa Matriz de Diaconisas (1974-1998). A Irmandade da IECLB já estava constituída e trabalhava com diaconia em hospitais e comunidades da IECLB desde 1939. Na região do Espírito Santo foi criada a ADL (Associação Diacônica Luterana) para dar conta das demandas diaconais naquela região (1956-1998 formavam diáconas e diáconos). Esta formação da ADL e da Casa Matriz de Diaconisas não era reconhecida como curso superior e estes ministérios não tinham direito à ordenação. A formação catequética, por estar vinculada à formação de professoras e professores do IPT (Instituto Pré-Teológico), acabou se instalando nas

2 GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 38.

dependências da Faculdades EST e criou um curso híbrido através do ISCET (Instituto Superior de Catequese e Estudos Teológicos, 1977-1990). Dessa forma, era possível a formação secular em universidades da Grande-Porto Alegre e a formação teológica na EST ao mesmo tempo. A formação pastoral acontecia através da Faculdade de Teologia e era o único curso reconhecido oficialmente pela IECLB. A igualdade ministerial era quase nula. Os ministérios diaconal e catequético eram formados por mulheres em sua maioria. Pode-se dizer, a exclusão aconteceu por gênero e ministério. Apenas em 1994, no Concílio Geral de Cachoeira do Sul, é que se assume a ordenação³ como direito de todos os Ministérios, reconhece-se a formação específica de cada Ministério e a sua complementaridade nos trabalhos comunitários, e a ideia de Ministério Compartilhado é semeada como forma de equiparação entre os diferentes ministérios da IECLB. Essa conquista impulsionou a ideia de repensar a formação teológica. A partir de 2000, a Faculdades EST assume o Curso de Bacharelado em Teologia e esse passa a ser o requisito necessário para quem desejasse exercer o Ministério Ordenado na IECLB. Diaconia, Educação Cristã e Pastorado deveriam cursar o Bacharelado, com um Núcleo Teológico comum e, depois, as disciplinas específicas para o exercício ministerial. Embora as mulheres pastoras estivessem incluídas por estar num ministério reconhecido na IECLB, também foram excluídas quando se fala em permanência e acesso ao ministério. O preenchimento de vagas em comunidades foi, durante muito tempo, espaço masculino e muitas pastoras foram excluídas quando pleiteavam vagas nas comunidades.

As articulações continuaram. O movimento político do final dos anos 80, chamado de Movimento Pró-Teóloga (1985-1990) e que culminou com a abertura da cadeira de Teologia Feminista na EST em 1991, foi realizado por mulheres e homens que mobilizaram a EST e a IECLB a partir das reflexões acerca da igualdade de gênero e de uma releitura teológica a partir da perspectiva feminista. Semanas Acadêmicas e outros eventos foram organizados nesse período trazendo a temática de gênero para o campo teológico. As representantes dos ministérios diaconal e catequético eram muito poucas neste grupo. As razões eram muitas. Algumas estavam longe fisicamente do Morro do Espelho, outras se sentiam sem autoestima para estar nesse espaço, visto que vinham de um ministério considerado “menor” e sem muito lugar teológico e não conseguiam debater de igual para igual, outras por não entender ou desconhecer a dimensão política das lutas feministas para o contexto das igrejas. Nesse tempo, ainda não se falava em equiparação ministerial e isso foi um flanco que impediu uma mobilização de todas as categorias ministeriais nesse movimento político. Esse conjunto de questões pessoais, políticas, sociais e eclesiais impediu que o coletivo de mulheres da IECLB se juntasse pela causa da Teologia Feminista e do espaço das mulheres na IECLB. No contexto do ministério diaconal, nós tínhamos

3 PAIXÃO, Márcia E. L. da; FERNANDES, Ligiane M. *Mulheres no Ministério Ordenado: história, experiência, testemunho*. Faculdades EST, Federação Luterana Mundial, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, maio de 2009. Relatório de Pesquisa.

muitas barreiras para enfrentar e outras faltas que precisavam ser supridas no cotidiano ministerial e isso era anterior a essa luta política no campo teológico e eclesial e que as pastoras já haviam conquistado. Havia falta de igualdade de subsistência, falta de reconhecimento do ministério específico e, muitas vezes, desqualificações - enxergar a diácona/diaconisa como “ajudante” de pastor, portanto, serviço menor -, falta de lugar comunitário para o desempenho das tarefas, etc... No amplo processo de exclusões em que as diferentes mulheres estavam, a categoria das pastoras conseguiu avançar, pois tinham o trunfo de um ministério e um curso reconhecidos pela IECLB e pelas comunidades, mas isso não lhes garantiu igualdade plena num primeiro momento. Os contextos diferentes de cada ministério e de cada mulher criaram vários hiatos na ampla luta feminista. Foram violências simbólicas e explícitas que impediram a integração mais efetiva entre as diferentes mulheres. Falar da Teologia Feminista e das mulheres sem levar em conta as histórias de cada ministério, as articulações, as conquistas, as dores, os impasses, as faltas de acesso, as questões culturais, sociais e eclesiásticas excludentes não é possível.

Em 1986 ingressei no Ministério Diaconal da IECLB e assumi, junto com outra colega Diácona, o trabalho diaconal na Comunidade de Novo Hamburgo. A proximidade com a EST me possibilitou participar algumas vezes do Movimento Pró-Teóloga. Nas reuniões do antigo Distrito São Leopoldo, apoiávamos a ideia da criação da Cadeira de Teologia Feminista na EST. Nosso Distrito, hoje Sínodo Rio dos Sinos, foi um espaço importante de reflexões, de articulações, de parcerias entre colegas dos diferentes ministérios, de resistências e de inovações no seio da IECLB. As experiências das mulheres na formação teológica foram marcadas por conflitos e resistências, mas também por estratégias, criatividade, diálogos, parcerias e encontros.

Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais - a gente levanta, a gente sobe, a gente volta

Durante catorze anos, trabalhei como diácona em Comunidades da IECLB. Trabalhei com mulheres e homens voluntários em atividades diaconais das comunidades. Também trabalhei com grupos de crianças, adolescentes e mulheres em vulnerabilidade social. Diaconia, Gênero e Educação Popular são questões ontológicas para mim, com as quais tenho me envolvido desde minha formação diaconal e pedagógica. Em minha trajetória pessoal e acadêmica, sempre me ocupei com essas temáticas. Trabalhei na base junto com esses grupos ouvindo as dores, as dominações e as exclusões e buscando, com os grupos, formas de superação destas violências. Trabalhar com as mulheres e crianças e com redes de apoio da sociedade civil foi um movimento que fiz intensamente. Trabalhar com o método de Leitura Popular da Bíblia, vindo do método Ver, Julgar e Agir, foi um instrumental importante na época em que estava em comunidade.

A primeira fase de meu trabalho foi um fazer enlouquecedor. Havia muitos grupos de trabalho e estava lá onde as desigualdades e a opressão das mulheres e das crianças aconteciam

em seu cotidiano, e essas dores vividas não se aproximavam das reflexões e do pensamento teórico da teologia. Embora o discurso da Teologia da Libertação estivesse bem forte nessa época, as experiências das mulheres necessitavam de uma nova hermenêutica bíblica. Quando me apropriei do feminismo e da Teologia Feminista, comecei a entender as estruturas hierárquicas e excludentes presentes também na teologia e na igreja. Então, as mediações de gênero em epistemologia, como denomina Gebara (2000), foram uma maneira diferenciada de entender o conhecimento e dialogar com ele e pensar outras formas de teologizar. As experiências vividas pessoalmente, tanto no trabalho diaconal quanto nos estudos de pedagogia e as experiências das mulheres com as quais trabalhei me levaram, inevitavelmente, para a área da Teologia Prática quando entrei para a docência na EST. O envolvimento com projetos comunitários junto a pessoas em vulnerabilidade social foi consequência natural da docência, que se ancorava em minha experiência anterior. As relações da ação com a teoria, com o cotidiano, com a experiência e gênero/feminismos foram temas com os quais sempre me ocupei e me envolvo ainda hoje no trabalho e na vida.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem

Cheguei à EST em 2000. Já havia se passado uma década de Teologia Feminista na EST. Nessa época, Wanda Deifelt era a professora responsável pela cadeira de Teologia Feminista. Wanda era a única professora de tempo integral no corpo docente da Teologia. Gisela Beulke e eu éramos professoras em tempo parcial no Curso de Teologia. Nesse tempo, o NPG (Núcleo de Pesquisa de Gênero) estava em franco desenvolvimento. As exigências da Capes de ter grupos de pesquisas nos cursos de Pós-Graduação foram um aliado externo para a implementação do espaço do NPG na EST. A entrada da temática de Gênero e da Teologia Feminista no currículo abriu as portas para as pesquisas na Pós-Graduação. Wanda organizou o grupo e as primeiras sistematizações no campo da Teologia Feminista começaram a ter visibilidade no espaço acadêmico através do movimento que o NPG fez. Inicialmente, a cadeira de Teologia Feminista era uma cadeira optativa para o Curso de Teologia. A partir de 2004, com as reformulações exigidas pelo MEC para o currículo do Bacharelado em Teologia, a Teologia Feminista passa a fazer parte do currículo como cadeira efetiva. Na Pós-Graduação, o espaço da Teologia Feminista já estava estruturado. Nesse tempo, mais teólogas passaram a fazer parte do corpo docente da Teologia. Marga Ströher, Elaine Neuenfeldt e Laude Brandenburg integraram o grupo de mulheres docentes. Com a saída de Wanda da EST, Elaine Neuenfeldt passa a ministrar a cadeira de Teologia Feminista. O NPG continuava suas pesquisas e tentava movimentar o espaço acadêmico no intuito de ampliar a abordagem teológica e desmistificar a ideia de que feminismo era tema de menor importância no campo teológico. Com a saída de Elaine da EST, Marga assumiu a cadeira de Teologia Feminista e a coordenação do NPG. Os grupos de pesquisa



havia aumentado e o número de estudantes na EST havia diminuído. Os sinais da crise começam a aparecer na EST. Houve um período de pouca procura pela temática da Teologia Feminista no PPG (Programa de Pós-Graduação), mas na graduação o tema seguia nas pesquisas de trabalho de conclusão. Por outro lado, na sociedade civil havia um movimento organizado de diferentes grupos de mulheres que criou o Fórum de Mulheres para pensar o espaço de direitos e políticas públicas para as mulheres na sociedade. O NPG se envolveu nesse movimento e fizemos parte das lutas e conquistas das mulheres na cidade de São Leopoldo. A consequência dessas lutas foi a criação do Conselho Municipal de Direito das Mulheres. Representei o NPG/EST na diretoria do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres durante os anos de 2007-2008. Elaine, Marga e eu participamos ativamente junto ao Conselho de Mulheres em São Leopoldo. Estávamos junto com os demais grupos quando foi criada a Secretaria da Mulher e a Casa Jacobina (centro de referência que acolhe as mulheres vítimas de violência) em São Leopoldo. Além disso, organizamos em conjunto com esses coletivos, atividades no mês da mulher (março) e no período dos dezesseis dias de ativismo contra a violência das mulheres (sempre em final de novembro e início de dezembro) para marcar a superação dessas práticas de violência nas relações sociais. Também com a FLD (Fundação Luterana de Diaconia) organizamos a exposição Nem tão Doce Lar - uma vez na EST e outra na estação do metrô, parada São Leopoldo – trazendo a temática da violência contra as mulheres para a roda de conversa no campo religioso e social. O NPG sempre foi parceiro das entidades sociais na busca de igualdade de direitos e dignidade das mulheres.

Foram anos de intensas atividades internas e externas. Outro ponto forte foram os Congressos de Gênero e Religião que marcaram a caminhada da Teologia Feminista na EST e no NPG, demarcando lugar teológico e acadêmico, trazendo experiências das mulheres em forma de textos sistematizados e através de falas, produzindo outra hermenêutica e epistemologia. Sem dúvida, os Congressos trouxeram questões para a educação teológica pensar a respeito. A Teologia Feminista trouxe o aspecto do patriarcado e do sexismo presentes na tradição teológica e essa foi uma contribuição importante para pensar criticamente sobre os condicionamentos teológicos. A hermenêutica da suspeita e o método da desconstrução, construção e reconstrução são sinais de movimento e ações no campo teológico, mas também dentro da própria Teologia Feminista. É uma forma de pensar e fazer teologia e que precisa de interlocuções entre as áreas teológicas e com as demais áreas do conhecimento.

A Cátedra de Teologia Feminista conquistou um lugar político e avançou bastante. O espaço no currículo da Graduação e Pós-Graduação, o NPG, os Congressos, o Programa Gênero e Religião. Conquistas de muitas mãos que se fizeram presentes nessas lutas e que, apesar das crises, produziram metodologias, abriu-se para a diversidade do campo feminista, houve rigor acadêmico e ético nas reflexões em grupo e nos textos escritos, houve resistências, mas também estratégias para seguir nessa perspectiva de análise feminista no campo teológico.

... o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas estão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

Seria injusto e absolutamente impossível comparar as gerações de professoras que passaram até agora pela Cátedra de Teologia Feminista. Os tempos de cada uma, as circunstâncias institucionais e pessoais, o cotidiano local e global foram os elementos com os quais as professoras se depararam durante o período em que estiveram ministrando a Teologia Feminista na EST. Cada uma com suas habilidades, saberes, experiências e desejos impulsionou a pesquisa, a escuta, o envolvimento social, o envolvimento com os Sínodos, o pensar e fazer teologia, o exercício de suspeitar das estruturas patriarcais e se permitir perguntar e reavaliar durante seu exercício de docência.

Wanda foi a professora que mais tempo ficou à frente da cadeira de Teologia Feminista. Elaine, Marga e eu ficamos pouco tempo. O meu período foi 2010/1 -2012/1. Nesse tempo, também coordenei o NPG. Nesse período, a crise da EST estava bem aguda. Respingos da crise aconteceram em todos os níveis nessa época. Também no NPG não foi diferente. Em 2009 o NPG teve uma queda no número de participantes e as pesquisas no PPG ficaram escassas na área da Teologia Feminista. A pluralidade de ofertas de grupos de pesquisa, de eventos e congressos fragmentou o pequeno grupo de estudantes da Teologia. Administrar tudo isso não foi nada fácil. Foi um período de reconstrução e redefinição de rumos. Inclusive de espaço físico. Com a criação do Espaço Diversidade, o NPG foi transferido para uma sala na Casa da Diversidade. Saímos da sala no PPG e fomos com os registros que tínhamos do NPG para a casa da Diversidade. Era um novo tempo que se anunciava. O grupo cresceu, pessoas novas começaram a participar: estudantes do Curso de Musicoterapia, professora da Enfermagem, estudantes da Unisinos, professora da Unisinos, pastora metodista, um profissional da informática, estudantes da graduação e pós-graduação em Teologia se juntaram no NPG. Essa nova configuração de integrantes revigorou o fôlego do NPG. Algumas pessoas já estavam na estrada da Teologia Feminista, mas a maioria estava no início da caminhada teórica da Teologia Feminista e do Feminismo. A opção metodológica foi estudar e aprofundar a teoria feminista. Foi um movimento bonito, rico e integrador que aquelas mulheres e homens do grupo fizeram nesse período. A diversidade de idades, de curso, de identidade sexual, de raça, de culturas, de experiências deu um tom colorido especial e que impulsionou o grupo a seguir aprofundando a temática. As participações nos eventos da sociedade civil continuaram. Nesse período, sentimos a necessidade de termos uma identidade visual para o grupo. Inúmeras conversas e ideias até chegarmos ao que nos identificaria. O resultado foi a criação conjunta de um banner. As ideias foram pensadas e sistematizadas através da costura do nome e do símbolo do grupo feitos coletivamente em algumas reuniões. Uma produção artesanal que foi muito significativa naquele momento, pois simbolicamente era o processo que acontecia com o NPG e com a Teologia

Feminista na EST. Estávamos costurando as ideias teóricas, os espaços na EST, as afinidades, as amizades, as estratégias de futuro.

Nesse período, tive o prazer de trabalhar com o André Musskopf. Com as saídas das colegas houve apenas remanejamento interno para a cadeira de Teologia Feminista. Fiquei responsável pela cadeira de Teologia Feminista na graduação e com a coordenação do NPG, e André assumiu a cadeira de Teologia Feminista no PPG e o Setor de Projetos Internacionais da EST. Fizemos um trabalho em parceria no PPG na Cadeira de Teologia Feminista e foi um exercício saudável e de trocas que aconteceu durante as aulas. Conseguimos fazer um trabalho conjunto e cooperativo. A ideia de se ter um Programa de Gênero e Religião começou a ser levada adiante. As primeiras conversas e as estratégias por onde deveríamos ir começavam a ser delineadas. Pensar e articular as parcerias eram os outros pontos que necessitavam ajustes.

A cadeira de Teologia Feminista e o NPG sempre andaram juntos. Olho para trás e vejo que deixamos boas marcas no campo teológico. Trazer a categoria de análise de gênero para o campo teológico foi uma contribuição importante que a Teologia Feminista fez. A partir do referencial da teoria feminista a Teologia Feminista construiu uma teoria consistente para dar conta de entender como as estruturas patriarcais estão presentes no campo religioso e na tradição cristã e que precisam ser superadas. Nesse sentido, pensar a estrutura da aula para que a turma de estudantes pudesse entender esses processos de dominação e exploração sempre foi, para mim, um grande desafio. As turmas eram de jovens que ainda não haviam se deparado com as reflexões da Teologia Feminista e vinham com suas construções sociais bem marcadas dentro do pensamento patriarcal e androcêntrico. Além disso, havia muita resistência em estudar a Teologia Feminista. Por que Teologia Feminista?, alguns perguntavam. Porque a Teologia é masculina. Simples assim! Enquanto não tivermos garantidos os espaços de igualdade entre homens e mulheres, entre os ministérios, equiparação de direitos e deveres, enquanto vigorar o patriarcado e o sexismo no campo religioso será necessário termos uma cadeira que faça a mediação teórica para novas construções mais justas e igualitárias. É evidente que a Teologia Feminista não trabalha sozinha. O movimento por uma comunidade de iguais como nos desafia Fiorenza, precisa do apoio estudantil, de pesquisas, de docentes que também dialoguem seu tema de aula e pesquisa com a proposta da Teologia Feminista.

Vivenciei nesse período da docência a desconstrução, construção e reconstrução de pensamentos. Acompanhei pessoas que se modificaram e que avançaram em suas reflexões teológicas e visão de mundo. Outras, talvez com o tempo e com a mediação de outras pessoas e temáticas irão se modificar. As construções sociais aliadas às tradições teológicas patriarcais são fortes no meio juvenil e no campo religioso de um modo geral. As resistências, as negações às vezes trancam os avanços pessoais e coletivos. Por isso, além das aulas são necessários outros movimentos na comunidade acadêmica para suscitar um espaço onde a pessoa possa se deparar

com outras perspectivas e se abrir para o novo e para o diferente. Um grupo para seguir aprofundando teoricamente a temática da Teologia Feminista e movimentar o espaço acadêmico é fundamental.

Procurei exercitar as rodas de conversa em sala de aula, pensar em liturgias inclusivas, escrever salmos na perspectiva feminista, usar linguagens que lembrassem a ação e a misericórdia de Deus ao invés de linguagens sexistas ou de senhorio, escrever textos reflexivos a partir dos desafios da teoria feminista. Foi um exercício muito bacana e que exercitamos também nos cultos semanais da EST nas oportunidades em que coordenei o culto com estudantes. Foi rica a experiência na docência. As aulas foram um espaço muito bom de estudos e aprofundamentos da Teologia Feminista. Experimentamos muitas coisas, desconstruímos muitos conceitos e pensamos sobre os temas e as leituras feitas em aula. Alguns momentos foram acalorados, com opiniões diversas, mas sempre esteve no horizonte a perspectiva dos processos individuais. O que cada estudante fez ou fará com esse conhecimento vai se refletir no espaço onde estão e no modo como trabalharão. O meu desejo é que o estudo da Teologia Feminista faça sentido para quem por ela passou. O sentido impulsiona a ação.

Não existe um único modo de discutir feminismo e sua relação com a Teologia. A Teologia Feminista prima por uma discussão plural e que se abre para diferentes abordagens que se ocupam com a ética, com a igualdade de direitos em todos os níveis. O diálogo, as demandas do cotidiano, as experiências, as dores e sofrimentos são elementos indispensáveis no campo reflexivo e teórico da Teologia Feminista. A comunidade de iguais, proposta por Elisabeth Fiorenza, supostamente vista como utópica por algumas pessoas, é um exercício teórico e prático que se constrói no presente, nos espaços e lugares bem comuns: o cotidiano das relações. Temos tentado fazer isso ao longo desses 25 anos de Teologia Feminista. Muitas situações não foram fáceis. Muito desconforto e exclusão. Mas também muitas conquistas, mudanças, perspectivas novas, parcerias, espaços, reflexões, diálogos.

Recolhi memórias e percepções a partir de meu olhar nesta história. Como diz Riobaldo, “eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”. Desconfio de que precisamos continuar como eternos aprendizes e continuarmos no caminho que busca a dignidade de todas as pessoas. Que o estudo e a prática da Teologia Feminista possam ser de INS-PIR-AÇÕES na EST e mundo afora.

Referências

GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 2005.



PAIXÃO, Márcia E. L. da; FERNANDES, Ligiane M. *Mulheres no Ministério Ordenado: história, experiência, testemunho*. Faculdades EST, Federação Luterana Mundial, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, maio de 2009. Relatório de Pesquisa.

[Recebido em: junho de 2015/
Aceito em: julho de 2015]